

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 20 de Maio de 1972

Pg.: 62

Sertanista Antônio Cotrim abandona Funai para não ser um "coveiro de índios"

Brasília (Sucursal) — Depois de passar 10 anos no mato em trabalho de atração e pacificação de tribos calapós e tupis, o sertanista Antônio Cotrim pediu ontem demissão da Fundação Nacional do Índio, pois convenceu-se que na função estava sendo apenas um "coveiro de índios."

Afirma que não pretende continuar sendo instrumento de um órgão que é um "blefe à opinião pública" nem colocar em prática uma política indigenista errada, pois não procura conciliar os interesses de desenvolvimento da sociedade nacional com a proteção das sociedades primitivas.

Revolta

Considerado um dos mais experientes sertanistas da Funai, Antônio Cotrim Soares, 31 anos, trabalhou seis anos de graça como sertanista, só sendo contratado, com salário de Cr\$ 1 mil, em 1968. Começou a trabalhar com índios em 1962 aos 21 anos de idade, engajando-se voluntariamente numa expedição chefiada pelo sertanista Francisco Meireles junto aos mekraingnontys (ou txucarramaes), no Pará.

Até este mês, trabalhava entre os jandeavis, também no Pará. E foi na aldeia desses índios que tomou a decisão de se demitir. A tribo, ainda arredia ao homem branco, fora constata-da no ano passado pela sua turma de atração — ele na

chefia e mais três ajudantes — numa entrada em que também foi localizado um subgrupo tupi, os kubekrametis.

Quando estava entre os kubekrametis, em junho, foi avisado pela Funai que havia epidemia de gripe entre os jandeavis, transmitida durante a passagem pela aldeia da missão do padre Antônio Carlos, da Prelazia do Xingu. Dos 76 índios, morreram 16.

O sertanista pediu medicamentos à Funai, mas eles só chegaram 48 dias depois e em quantidade insuficiente. Essa falta de assistência acabou por revoltá-lo ao ponto de se decidir pela demissão em caráter irrevogável.

Sertanistas marginais

Afirma que os sertanistas honestos estão hoje inteiramente marginalizados pela Funai, sendo remanejados de função no momento em que, conhecedores profundos de determinada situação, assumem a defesa do índio contra elementos e grupos interessados em suas terras.

A morte de mais de 40 paracanãs, além de cegueira em oito, causadas por doenças venéreas transmitidas pelos próprios funcionários da fundação, é relacio-

nada por ele como uma das razões que o está levando a se afastar do órgão.

A tribo foi uma das primeiras a ser pacificada e, segundo Cotrim, quem devia ser pacificado é o grileiro, para não atrapalhar a construção da Transamazônica. Por causa desse fato, a técnica Maria da Conceição pediu demissão da Funai depois de denunciá-lo. Cotrim Soares afirma que na época, um médico do Departamento de Assistência comprovou, em relatório escrito, a denúncia.

Visão geral

Depois de afirmar que chegou à conclusão de que é inútil o seu trabalho junto aos índios — "acho que nada fiz por eles, mas tenho certeza de que nunca fiz nada contra eles" — o sertanista comenta que não pretende ser mais um "capitão-de-mato" da Funai.

— Discordo das diretrizes da política indigenista em vigor. Não pretendo contribuir para o enriquecimento de grupos econômicos às custas da extinção das culturas primitivas. Discordo da estrada que cortou o Parque Xingu no meio e não aceito que se tome dos índios a parte Norte da estrada a troco de uma área inútil — só cerrado — na parte Oeste do Parque.

Segundo ele, a área que fica acima da estrada, foi tirada dos índios por causa do interesse de companhias colonizadoras. Nessa área, residiam os índios tchucarramae, suya, jurunas e outra tribo. O sertanista denuncia ainda a transferência dos nambiquaras (cerca de 400 índios) de suas aldeias Galera e Sararé, comandada pelo sertanista alemão Fritz Todtlorf. A mudança começou há oito meses e o cuidado nessa tarefa foi tão pouco que morreram quase todos os índios com menos de 15 anos de idade. Na área das duas aldeias, comenta, se instalarão em breve empresas agropecuárias.

Violação de direitos

O sertanista afirma que os direitos dos índios, assegurados por decretos federais e estaduais, estão sendo violados por empresas de colonização. Segundo ele, os índios também, no Pará, estão perdendo as suas terras, asseguradas por decreto do Governo paraense, e hoje ocupadas por uma companhia ligada ao grupo frigorífico Swift.

Depois de relacionar vários casos, Cotrim Soares observa que a política indigenista hoje adotada aceita

a tese de que as culturas primitivas são "quistos" do desenvolvimento nacional e afirma que o próprio Ministério do Interior é uma "contradição", pois além de ser o órgão principal na promoção do desenvolvimento pelo interior, mantém a entidade incumbida de proteger as culturas primitivas.

— Já estou cansado de ser coveiro de índio. Transformei-me em administrador de cemitérios indígenas — desabafa.